

UMA LEMBRANÇA DE AMOR PARA TIA MARCELINA

Luiz Sávio de Almeida

No ano de 1912 a história política de Alagoas foi varrida pela derrubada da oligarquia dos Maltas. Argumentando que os maltistas eram adeptos do Xangô, partidários de Clodoaldo da Fonseca deslançaram a maior perseguição de que se tem notícia em Alagoas, contra os terreiros. O Jornal de Alagoas, dirigido por Luiz Silveira, era ligado à corrente dos FONSECAS e publicou uma série de reportagens contra os xangozeiros, dando em cima de TIA MARCELINA, a mais famosa Mãe de Santo daquele tempo. TIA MARCELINA terminou sendo morta. Este artigo pretende render uma homenagem a todos os irmãos que foram perseguidos naquela época que ficou, tristemente, conhecida como o QUEBRA.

Para redigir estas notas, contei com a ajuda de dois amigos: MOACIR SANT'ANA e VERA ROMARIZ. Segue, portanto, um abraço impresso para os dois, com pancadinha no ombro e todo o mais, que a amizade confraterniza. Vai para JOSÉ LOPES DE SANTANA e, sobretudo, para meu padrinho LUIZ MARINHO, Babalorixá que já se foi, mas ainda maneja as correntes do terreiro; terreiro na Ponta Grossa.

SARAVÁ!

As palavras negro e escravo tentam uniformizar o que não podem; fomos gentes de todas as partes da África que foram açoitadas para estes brasis. Isto é um assunto muito falado. O Gilberto Freire (1978), na sua popular Casa Grande & Senzala, versou sobre o fato. Montou-se na mania do mapeamento que enfrentou a antropologia americana e, nisto, ficou de grande no relativismo de Mr. Herskovits. O nosso conterrâneo pilarense, o Dr. Arthur Ramos (1934) entrou na dança, terminando por subscrever

o difusionismo de Ellis com vistas a religião e danouse a analisar a gente. Ainda foi bom, pois houve tempo em que éramos matéria de Medicina Legal. Existe é um monte de tese elaborada e quando em vez, um mestrando ou doutorando resolve escutar o tam-tam-tam do ingome. Tã vendo, TIA MARCELINA, como existe entendido na gente?

Bom, minha TIA, todo mundo fala que por aqui, nesta antiga e celebrada Maçaiô, predominou a tal da tradição iorubana, com a nossa linha de Orixãs e, dentre eles, o nosso Xangô (Êiô! Cabecinha!), que terminou dando o nome à própria seita. Seita era como o velho e grande amigo Luiz Marinho, nas conversas arrastadas de sábado à tarde, chamava o grande conjunto dos terreiros. Por seita, juntava quimbanda e umbanda; juntava as nações que existiam em nossa terra: gêge, ijexã...

Com a licença da TIA, que sabe muito mais das forças da natureza, vivemos algumas fases diferentes. Quando a gente estava vindo, éramos todos malungos naquele navio; a gente que já era apartado, apartou outra vez. Como é que se podia tentar viver, como antes? Que nada! Tivemos que passar por uma nova geografia, vestir a religião dos brancos; usar a religião dos brancos. E isto foi logo, pois lá nos Palmares já se comprovava. Depois, conseguimos nos universalizar pela baixa renda; as piruetas de pobres, conseguiram montar as verdadeiras bases de uma religião nacional. É claro que foi acontecendo um afastamento, até que os pontos terminaram por um balbuciar de sons semelhantes aos das línguas dos avôs, dos troncos. Hoje, a gente fala com o Orixã, por herança. A TIA talvez, sentisse o que a gente sente, mas iria dizer que todo o mundo é analfabeto de pai e mãe.

A pobreza sempre é obrigada a abrir o seu próprio espaço, e foi assim que montamos a quimbanda e a umbanda; foi assim que os Orixãs tiveram a nossa história; os Pretos Velhos e os Caboclos, o Padre Cícero e o

Cavaleiro de Bagdá, O Cigano e Buda sentado no Congá. So-
mos uma grande geração de santos. É a religião do peque-
no assalariado, do vendedor de raspadinha, do despinica-
dor de sururu, do menino do carregado, de todo um povo que
se eterniza nas pobreza desta Maceió. Já tem rico coçan-
do o ouvido de babalorixá e as meninas de boa família, vi-
vem de assanhamento nos dolorosos casos de amor. Reli-
gião mesmo é a nossa, de quem tem medo de levar piaba do
santo.

A TIA sabe que nunca a vida da seita foi pacífi-
ca nas Alagoas. Perseguição aqui, perseguição acolá. Por
incrível que pareça, no ano de 1952, quando se realizava
a IV SEMANA NACIONAL DE FOLCLORE, o Governo do Estado
mandou perguntar se aquilo era religião, ou bagunça. Os
participantes, através de Edison Carneiro e de René Ri-
beiro, tiveram a coragem de, pachorramente, responder, a
firmando que era religião mesmo, com Direito Constitucio-
nal embutido e tudo o mais. Hum...Hum, hum! Já viu TIA?

Apesar das perseguições, que foram inúmeras, ne-
nhuma teve o caráter sistemático e tal pompa e monta,
quanto a desfechada pela SOBERANIA, nos mandos de Clodo-
aldo da Fonseca e da exacrável LIGA DOS REPUBLICANOS COM-
BATENTES, chefiada, como SANT'ANA (1986) anota, por um
sargento que andou sendo ferido lá pelos lados de Canu-
dos; perdeu uma perna. Hoje, para o que era, está uma
beleza. E a morta mais assassinada, foi a minha querida
e veneranda TIA MARCELINA.

A elite sempre tratou o Xangô como coisa de gen-
te sem eira e nem beira; ponta de rua. Por outro lado, a
confusão entre santos latinos e Orixás deve, com certe-
za, ter roçado a inteligência da oficiosidade católica.
O espiritismo, que estava se afirmando nas ALAGOAS, de-
via ocorrer léguas e dizer que qualquer semelhança era
mera coincidência. Ranços do positivismo deveriam identi-

ficar que estávamos, cruelmente, bárbaros e o racismo , este sim, corria desembestado.

Acontece que, num esquisito passe de mágica, o Xangô dos locais afastados, foi colocado no centro do poder e macumbeiro foi catalogado como pertencente à hierarquia do Estado oligarca. A Soberania, num magesto so rasgo de insanidade, deu o toque de que o Xangô era a religião oficial do Estado de Alagoas, personificado na família Malta. Daí, as perseguições que foram realizadas, a destruição dos templos, prisões, espancamentos, mortes. Este período ficou conhecido como o QUEBRA e ainda estava presente na memória dos terreiros de Maceió, há uns vinte anos passados, quando conversávamos com o Luiz Marinho, Joca, João e tantos que já se foram. Eles recontavam a história da perseguição, falavam das Iaolorixãs humilhadas e das fugas que se procediam. ANACLETO, que tinha um terreiro na Rua de Santo Antônio, foi preso. Prisão que foi anunciada no Jornal de Alagoas de 27.02.1912. MARIA DA CRUZ, que parece ser a mesma identificada por DUARTE (1974), com um terreiro no FRECHAL DE CIMA, escapou. Varejaram Maceió e queriam vazejar o interior. Talvez, TIA, o terreiro do ANACLETO ficasse na Ponta Grossa, na rua chamada Santo Antônio das Palhas. A Senhora lembra? Só tinha casa coberta de palha. Saudade daquele povo, em TIA?

Os Ingomes ficaram calados e muitos, juntos com os Ilus transformaram-se em fogo ardente, qual fogueira de São João. O Aleri ficou mudo e mudo, também, ficou o Adjá. O Xaxará de Omolu virou pagode; o Pataxó de Oxalá ficou envergonhado.

Onde estava Mestre FELIX do terreiro da Rua do Amorim nº 11, em Jaraguá? Dr. ABELARDO DUARTE que, junto com THEO BRANDÃO, impediram que as relíquias deste tempo fossem para os Estados Unidos, figurar em Museu ,

onde estava o MANUEL GULEIJU? GULEIJU tinha o terreiro dele, pelos lados do Mutange. E MANUEL COUTINHO, com seu terreiro na Rua que hoje chamam de Dias Cabral? Isso, TIA, ficava na Rua do Reguinho. CHICO FOGUINHU, do Pernambuco Novo? E o JOÃO CATARINA do Trapiche da Barra, filho de MÃE QUITÉRIA do Gantois, na Bahia? E MANUEL DA LOLÔ, no Reginaldo? JOÃO FUNFUN e PAI AURÉLIO da Levada? ADOLFO, do Poço? Vivos, ou com força de encantados?

O pau comeu, e feio! TIA MARCELINA tinha o terreiro dela na Praça Sinimbu. Segundo o JOCA falou uma vez, numa festa na casa do Celestino, ijexã, Jacintinho, tomando um gole e outro de xequeté, o terreiro da TIA ficava na esquina vizinha ao Restaurante Universitário. Hoje, TIA, a senhora sabe que funciona uma Boutique? A Senhora se lembra, TIA, que seu sobrinho aqui, morou, justamente, onde era seu terreiro?

O JOÃO, preto velho, amigo de fê, morando naquelas ruínas de Ponta Grossa, moço bom mas que trabalhava, também, pelas canhotas, foi quem me contou. No meio da pancadaria toda, a TIA MARCELINA não aceitou fugir. Para onde? Distante do aché? Longe dos filhos? A polícia veio com um monte de gente gritando. Entraram, todos, invadindo o terreiro e a TIA foi para o PEJI. Que melhor lugar, havia? Foi assassinada lá dentro, no PEJI, com o sangue correndo no meio da comida do santo. E a TIA sustentou; a cada chute que levava do soldado, gemia para XANGÔ (ÊIÔ, CABECINHA!) a sua vingança e, no outro dia, a perna do soldado foi secando, até que ele mesmo secou todo. A Tia era velha, baixinha, franzina, um doce de côco de gente! Morreu...

Foram quatro artigos no JORNAL DE ALAGOAS ridicularizando tudo e, especialmente, a TIA MARCELINA; a bruxa miserável, feiticeira de fedor no sovaco. E no ano de 1916, nas edições de 27 a 29 de junho do mesmo Jor-

nal, ainda se martelava contra ela, numa sêrie de artigos: O MISTERIOSO CONCLAVE. Uns, mais eruditamente, dizem que a TIA MARCELINA morreu a golpes de sabre.

TIA MARCELINA, Coroa de DADÁ! DADÁ era o irmãozinho de Xangô (Êiô! Cabecinha!).

Pegaram tudo aquilo; o que não queimaram, jogaram numa exposição de puro deboche. As peças foram da Liga para a PERSEVERANÇA e ficaram expostas à curiosidade pública, com os búzios da Costa jogados na intolerância. A PERSEVERANÇA ficava na Praça da Matriz e não, na Rua João Pessoa onde hoje se encontra. Em 1913, o atual CENTRO SPORTIVO ALAGOANO jogou muito foot-ball no terreno da João Pessoa. As peças foram para onde funcionam o Arquivo e a Biblioteca Pública. Depois, para a Rua João Pessoa, nos passos de uma estonteante via sacra. Mas, se fosse somente a exposição... Fizeram um bloco de carnaval, caracterizaram-se de filho e da filha, desfilando e fazendo algazarra com a fé. Foi assim. Foi assim, TIA MARCELINA morreu...

Mas não se brinca impunemente com as forças da natureza, conforme o JOCA, fechando meu corpo, ensinou naquela sua risadagem de Exu. Ninguém desmancha a ordem do Orixá. Apesar de tudo, não conseguiram acabar com os terreiros. O QUEBRA aconteceu no mês de Fevereiro de 1912. No dia quatro de Agosto do mesmo ano, há uma denúncia no Jornal de Alagoas, pedindo que o povo tivesse cautela. Eis que os xangozeiros se faziam vivos e, desta feita, lá para os lados do cemitério novo. Maldosamente, a matéria dizia que se tratava de um antro de prostituição, para onde iam as criadas de servir. Mas, quem vai ter força contra o Machado de Xangô (Êiô! Cabecinha!)?

BIBLIOGRAFIA

Livros

- CARNEIRO, Edison - Candomblés da Bahia, Rio de Janeiro, Conquista, 1961.
- Ladinos e Crioulos, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964.
- DUARTE, Abelardo - A Coleção Perseverança in Catálogo - Ilustrado da Coleção Perseverança, Macéió, IHGA, 1974.
- FREIRE, Gilberto - Casa Grande e Senzala, Rio de Janeiro, José Olympio, 1974.
- ORTIZ, Renato - A Morte Branca do Feiticeiro Negro: Umbanda, Integração de uma Religião numa Sociedade de Classe, Petrópolis, Vozes, 1979.
- RAMOS, Arthur - O Negro Brasileiro, Rio de Janeiro, Zahar, 1975.

Jornais

- Jornal de Alagoas
- Todo o mês de Fevereiro de 1912
- de 27 a 29 de Junho de 1916.